

Resenhas

Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária

autor Edward P. Thompson
cidade Rio de Janeiro
editora Civilização Brasileira
ano 2002

Edward Palmer Thompson é uma referência absoluta no campo da história. Realizar a leitura de *A formação da classe operária inglesa*, de *Senhores e caçadores*, de *A miséria da teoria* ou de *Costumes em comum* é conhecer um dos capítulos mais criativos da historiografia contemporânea. Não faltam erudição, revisão teórica ou rigor metodológico nas páginas que ele escreveu. É igualmente evidente nas suas obras a habilidade para investigar ações, crenças e os mais diversos aspectos da vida social e intelectual de amplos espectros populacionais. Elas geraram, por tudo isso, uma outra direção para os estudos históricos, criaram um domínio satisfatório de análise das condições de produtividade e de liberdade das pessoas. E, assim, entre as noções de estrutura social e os vestígios das ações de uma vida, Thompson fez da sua obra uma espécie de antologia de experiências. Talvez dizer desse modo seja reduzir as circunstâncias pelas quais a reflexão histórica de Thompson adquiriu significado. Ainda assim, parece ser uma boa chave de decifração dos estudos realizados pelo autor sobre a literatura romântica da década de 1790, reunidos em livro por Dorothy Thompson e que a editora Civilização Brasileira lançou traduzido recentemente.

Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária é uma composição de tramas acontecidas entre 1790 e 1818. Seus personagens dominantes são, por um lado, dois poetas românticos, Samuel Taylor Coleridge e William Wordsworth, e, por outro, dois pensadores reformistas, William Godwin e John Thelwall. No entanto, é inteiramente perpassado pelas figuras eminentes do pensamento radical inglês: Tom Paine, Joseph Priestley, Hazlitt. Isto porque trata do drama político que foi o *jacobinismo* na Inglaterra por ocasião da Revolução Francesa. Em parte, busca a inserção das idéias filosóficas e das teo-

rias desses homens no tecido social britânico. Mas também informa sobre o tipo de sociabilidade a que tais idéias e teorias arrastavam seus representantes. E, por fim, encontra as dificuldades de compreender historicamente o que representa para alguém a negação daquilo que em algum momento orientou a construção da sua auto-estima, da sua reputação, senão, da sua própria identidade. Para os quatro homens com os quais Thompson lida mais de perto, a histeria contra o jacobinismo produziu efeitos diversos. Para os poetas, a preocupação em exorcizar o fantasma jacobino de seus passados. Para os reformistas, a necessidade de um novo refúgio para a ação.

O que tornou o jacobinismo incômodo para a política inglesa foram tanto as ações do Comitê de Salvação Pública no período do Terror, 1791-1793, na França, quanto as ofensivas de Napoleão sobre a Europa e a Inglaterra. A matança revolucionária desencadeada pelo governo de Robespierre e pelas guerras napoleônicas tem sua repercussão na Inglaterra, capturada por E. P. Thompson a partir das transformações da sensibilidade poética de Coleridge e Wordsworth e das dificuldades políticas enfrentadas por Godwin e Thelwall. O ano de 1794 foi de notórios julgamentos por traição, sendo o ano seguinte, 1795, a data de publicação dos *Two Acts*, lei contra as organizações populares e assembleias consideradas perturbadoras. Dois anos mais tarde, a maré intelectual que havia tornado William Godwin uma referência política importante tinha virado com força.

A história que Thompson conta sobre Godwin inicia-se em 1793, quando saiu publicada a primeira edição de *Political justice*, marco de uma revisão drástica de posições. As exigências por perfectibilidade cederam espaço para a busca da boa vontade universal, o desagrado por quaisquer reformistas revolucionários cresceu e o seu trabalho filosófico coexistiu com uma postura social já aprovada, predeterminada. Esse recuo chegou ao limiar do utilitarismo com a segunda e terceira edições, ambas de 1796. No interstício estão *Breves críticas à acusação feita pelo Lorde Presidente do Supremo Tribunal Eyre ao Grande Júri*, de 1794, e *Considerações*, de 1795, que, apesar de criticar os *Two Acts*, parecia justificar a proibição governamental de palestras inflamadas. Peças de filosofia política e moral reformistas que se afastam do novo caráter que Godwin deu às novas edições de *Political justice*, nas quais Thompson identifica o modo como a moralidade e o sistema de conduta deixaram de ser

pensados como resultantes de uma experiência de auto-aprovação dos próprios atos por parte do indivíduo para tornar-se subserviente à utilidade pública. Assim, o recuo foi também um escorregão que aproximava os principais filósofos radicais dos principais conservadores e causava repúdio à sensibilidade romântica: esses raciocínios rasos e não elaborados são ineficazes contra nossos hábitos, eles não conseguem formá-los, diria Wordsworth sobre a segunda edição de *Political justice*.

De outro tipo foi o recuo de John Thelwall. O herói reformista dos dias de caça aos jacobinos foi tomado por E. P. Thompson como caso exemplar da experiência da derrota política e do retiro intelectual entre os reformistas ativos. Alvo direto dos *Two Acts* de 1795, Thelwall resistiu-lhe até março de 1797, burlando a proibição de palestras políticas com conferências sob o disfarce de dissertações sobre a história romana. No período, os incidentes se sucederam em tentativas de seqüestro, algazarras e perseguições infundáveis. Como efeito, as divisões, os partidarismos e a animosidade pessoal cresciam onde minguava o apoio. Submetido à repressão, John Thelwall assistiu ao aumento dos distúrbios na Irlanda e à crescente ameaça de invasão francesa em retirada. Em Stowey encontrou-se com Coleridge e depois, em Alfoxden House, visitou William e Dorothy Wordsworth junto aos quais procurou instalar-se. Se alojou numa pequena fazenda em uma aldeia isolada. Foi onde Thompson encontrou o cadáver político de Thelwall: de fazendeiro a estudioso da elocução, passando pela poesia, estava, em 1803, ferido até o âmago em sua auto-estima, na sua reputação literária e em seu próprio meio de vida (p. 256). A crítica espirituosa ao seu *Poems chiefly written in retirement*, o rompimento de Coleridge e a indiferença egoísta de Wordsworth deram-no a medida do desdém que se podia abater sobre as esperanças e estratégias políticas por demais envolvidas com o resultado de acontecimentos em outros países.

As juventudes de Coleridge e Wordsworth também estiveram envolvidas com o jacobinismo. Sob o impacto da Revolução Francesa, dos *Rights of man* e das reivindicações políticas por *égalité*, Coleridge e Wordsworth abraçaram as idéias republicanas; produziram poemas contra a guerra; tiveram aspirações de *liberdade, fraternidade e igualdade*. Quando, em 1794, os julgamentos por traição se iniciaram, compartilharam do cuidado com a expressão de

opiniões políticas. E, também, tomaram parte de grupos democratas pequenos e pessoais. Até 1797, a ofensiva editorial e o entusiasmo político dos jacobinos estariam amainados pelo movimento contra a imprensa e pela prisão de Gilbert Wakefield, uma das últimas vozes públicas da Inglaterra jacobina. Em 1798, tudo parecia mudado para os dois poetas: foi o vórtice de contradições insuperáveis; o momento em que lado a lado conheceram os custos da defesa da Revolução Francesa e o nojo com o curso que ela tomou, o desejo de abraçar a causa do povo e o medo que a multidão pudesse se voltar contra homens de seu tipo (p. 56). Pudera, pois foi o ano da rebelião irlandesa o ano da primeira execução por traição, o ano da crescente ameaça da invasão francesa, enfim, o período militarmente crítico que Godwin e Thelwall também viveram. O Diretório cedera lugar a Napoleão, na França, fazendo a guerra contra a Inglaterra perder o caráter de defesa da República. Foi um momento de desapontamento para Wordsworth e Coleridge. A partida à Alemanha para fugir ao recrutamento, a ambigüidade das experiências políticas e o tenso impulso criativo do período marcam, para Thompson, uma viragem de opinião nos poetas, lançando-os à beira da apostasia e ao rompimento da amizade.

Samuel Taylor Coleridge conheceria primeiro o fracasso moral e imaginativo produzido por um estado desse tipo. Thompson foi capaz de observar Coleridge degradando-se. Já em 1808, Coleridge havia deixado para trás a luta da juventude para conciliar sua simpatia pelo jacobinismo com sua alienação intelectual em relação à gente do povo. Ao contrário, estava mais estático, tinha uma espécie de ciúmes de Wordsworth, era dependente de drogas, não tinha dinheiro e possuía uma saúde precária. O relacionamento com a casa dos Wordsworth foi-lhe pessoalmente ruinoso. Foi um momento de paixões inoportunas, entorpecimento artístico e agonia criativa. Thompson produz um entendimento do desastre emocional de Coleridge que faz o rompimento com Wordsworth e a perda de força criativa coincidirem a favor das grandes instituições religiosas e do cristianismo tradicional. Entremeios, os efeitos foram mais perversos quando redundaram no desengano político com o jacobinismo. Thompson examina dois deles: a perversidade e o nacionalismo. Primeiro a perversão: Coleridge abandona a lição política e os companheiros de luta tornando-se autor de denúncias e ataques exacer-

bados àqueles que mantinham posições que antes tinham sido suas. Igualmente, pediu nova guerra contra a França após a Paz de Amiens. Mas, quando ela chegou, deixou a luta para os outros: “voltou a seus velhos manuscritos e ao cenário pacífico do distrito dos lagos. Tinha defendido seus princípios” (p. 206). O nacionalismo de Coleridge teve alcance mais duradouro que a guerra contra a França. A denúncia sistemática da selvageria das conquistas de Napoleão como exorcismo da sua juventude revolucionária reverteu sobre um sentimento nacional e um patriotismo inteiramente morais e santificados sempre que se tratasse dos ingleses. Thompson destaca a consequência que isso teve para a alienação entre as culturas inglesa e irlandesa: uma contribuição ativa. A sensibilidade de Thompson ainda foi capaz de notar a ausência, nos ensaios políticos produzidos por Coleridge entre 1798 e 1818, de registros generosos para com os amigos de sua juventude jacobina.

A crise de Wordsworth teve outra intensidade. Para Thompson, o “odioso democrata” que foi Wordsworth existiu até depois da Paz de Amiens. Isto é, nos anos iniciais do século XIX fica para trás a crença numa fraternidade universal. Seguem-se os anos de desengano. Foi o tempo em que o poeta enfrentou a si mesmo, uma profunda reflexão sobre suas antigas alianças ou aliados. Ao contrário do que ocorreu com Coleridge, não houve deslealdade, apenas uma contração do coração. Thompson foi capaz de buscar uma interpretação histórica para esse momento na literatura que Wordsworth produziu entre 1797 e 1814. E, então, percebe que entre o *Prelude*, finalizado em 1805, e *Excursion*, publicado em 1814 existe uma diferença de método que é fundamental para o entendimento do fracasso moral e imaginativo de Wordsworth. Os dez anos de trabalho sobre o *Prelude* parecem a Thompson um momento de recuperação e superação em arte da experiência jacobina de Wordsworth. O *Prelude* aparece-lhe, assim, como uma transmutação das reivindicações políticas de igualdade em vida interior, como uma confrontação com o quadro triste do fracasso das expectativas utópicas do poeta. Tratava-se de uma auto-revelação que não expulsava da sensibilidade o jacobinismo e a perda do ideal do passado. *Excursion*, ao contrário, lhe parece uma autonegação do poeta. Nove anos depois de finalizado o *Prelude*, identifica um declínio das energias e da autenticidade poética de Wordsworth, que resulta não apenas na

negação de si mesmo, mas também da possibilidade de ação política racional. O fracasso do *alter ego* jacobino de Wordsworth arrastaria, nos seus versos, as virtudes públicas para fora do processo histórico. O que sensibiliza na análise que Thompson elabora acerca desse recuo é que ela identifica uma vítima. O Solitário que aparece em *Excursion* tem duas interpretações importantes no texto de Thompson. Ambas atribuem a John Thelwall o principal e mais significativo modelo para esta personagem. A interioridade do tema, contudo, não conduz a um problema de identificação, mas, sobretudo, de conduta: trata-se de alguém que sofreu todas as vicissitudes da vida e não conseguiu reagir. Entretanto, diferentemente daquilo que Wordsworth procura mostrar com seu Solitário, Thompson argumenta que Thelwall foi arrastado a uma desconsolada solidão não apenas em virtude de suas próprias fraquezas e ilusões desfeitas, mas pelo peso de toda a cultura e todo o poder tradicionais sobre ele. Em meio à manipulação e ao falseamento da sua própria experiência, Wordsworth teria perpetrado, segundo o entendimento de Thompson, a autotraição quando desiste de colocar seu leitor diretamente na presença da crença para dizer-lhe em que acreditar.

Em meio a tudo isso, a experiência que Thompson buscou compreender foi constitutiva de horizontes sociais importantes. Ele insiste, com propriedade, sobre o modo como a experiência modifica todo o processo educacional e influencia as atitudes de aquisição cultural. E, assim, reconheceu no período de maturidade romântica o momento de uma separação fundamental entre a educação e a experiência. Suas observações acusam, mais que uma origem, a maneira como essa separação pôde ser aceita como peça do processo educacional a ponto de aparecer como uma peça inteiramente natural, evidente, indispensável. Thompson denuncia a farsa da trama em que isso se deu, mostra sua precariedade, faz aparecer não o seu arbitrário, mas a complexa ligação com processos históricos múltiplos. Deste ponto de vista, atrevo-me a dizer que as atitudes que tornaram possível essa confrontação repercutiram sobre a percepção e apreciação dos rumos do *jacobinismo* na política inglesa, sendo, por isso, decisivas para a compreensão do modo como Thompson analisou o recuo intelectual de Godwin, a solidão imposta a Thelwall, a apostasia de Coleridge e o desencantamento de Wordsworth.

A trama produzida por Thompson dá conta de uma história intelectual cheia de vivacidade política. No centro da tentativa para fazer valer, em seus direitos e em seu dever, a experiência romântica da política na decifração do trabalho de criação de Godwin, de Thelwall, de Coleridge e de Wordsworth, há o reflexo de uma experiência mais contemporânea. Thompson abraçou as idéias socialistas, filiou-se ao comunismo e teve aspirações de igualdade num momento muito incômodo para essas posições políticas na Inglaterra: o clima da Guerra Fria, a denúncia da matança stalinista, a repressão soviética da *Primavera de Praga*, o recrudescimento conservador da política britânica. A desintegração do socialismo realmente existente e o avanço neoliberal completa o período em que os estudos foram escritos, 1968-1992. E muito daquilo que questiona aos seus homens percebe-se nele. Afinal, não esteve ele às voltas com esperanças e estratégias políticas por demais envolvidas com o resultado de acontecimentos em outros países do mesmo modo que Thelwall? Como interpretar suas críticas a Althusser em *A miséria da teoria*? E sua desfiliação do Partido Comunista? Tanto quanto Coleridge e Wordsworth, Thompson teve de superar o fracasso das suas expectativas utópicas, rever suas posições políticas e reajectar a própria vida. De algum modo, também experimentou o desencantamento e a apostasia que Coleridge e Wordsworth experimentaram. Até certo ponto, experimentou o apedrejamento que Thelwall experimentou. E se não conheceu a solidão e a autotraição foi porque encontrou outras soluções para os problemas que estudou nos trabalhos que vêm reunidos nesse volume.

Percorrer os oito trabalhos que compõem *Os românticos* é, de algum modo, enfrentar o espelho. Pelo menos este é um convite insistente no livro. Um exemplo está no modo como Thompson aproximou a reestruturação interna experimentada por Coleridge entre 1798 e 1818 das coerções políticas experimentadas pelos intelectuais ingleses entre 1956 e 1989. Ele olhou com ironia os escritores que, de uma época comparável, decidiram tratar o apóstata com apetite voraz por ódios e vitimado pela ruína intelectual, que era Samuel Coleridge, como um grande pensador político: “esse sempre foi um caso de má identificação, às vezes efetuada defronte de um espelho” (p. 212). Outro exemplo foi mais pessoal e envolveu a própria prática docente de Thompson. Seu registro sobre as relações entre

educação e experiência traz indicações do que está em jogo na relação professor–aluno: o contato de diferentes mundos de experiência, no qual idéias são trazidas para a prova da vida. A delicadeza da tarefa de ensinar parece-lhe estar justamente no modo como essas coisas se relacionam quando está em jogo, por um lado, as qualidades educacionais e, por outro, o valor moral das pessoas. O modo como Thompson entendeu sua tarefa de professor implicava evitar a cumplicidade com a desistência intelectual de seus alunos. Não ver, tarde da noite, no espelho, o professor que “fica contente em aceitar o valor moral de seus alunos no lugar de seus ensaios” (p. 39).

O diálogo com a própria experiência parece dar os limites da reflexão de Thompson sobre o romantismo. Nesse sentido, a excelente história da intelectualidade inglesa na virada do século XVIII para o XIX contada em *Os românticos* espelha uma temática que atravessa a consciência e a vida de seu autor. Aquilo que ele escreveu sobre Godwin, Thelwall, Coleridge e Wordsworth atravessa muito das experiências que viveu durante o período da Guerra Fria (1945-1989). Em parte, é o resultado da história que o viu escrever. Mas também é a história que pôde e quis escrever, a história das experiências políticas similares à sua própria época.

André Luiz Paulilo
Doutorando em educação na Faculdade de Educação
da Universidade de São Paulo e pesquisador do Núcleo
Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em
História da Educação (NIEPHE-FEUSP)